

## CIDADES: (RE) DEFININDO SEUS PAPÉIS AO LONGO DA HISTÓRIA

**Karla Rosário Brumes**

Mestranda pela FCT/UNESP - Campus de Presidente Prudente

**ABSTRACT** - The objective of this rehearsal is to do some considerations regarding as the cities it is changing your characteristics along the times. For such it was used of reflections regarding your appearance, your functions, finally the characteristics that demonstrate along the times that ended for delineating the model which we lived now.

**Key Words:** *cities, urban growth, urban transformation, redefines, cities in the history*

### INTRODUÇÃO

Para compreendermos o que se passa com a cidade nos dias atuais se torna importante uma volta ao passado, a fim de se entender como as mesmas se organizavam, já que os pressupostos históricos especialmente aqueles que se referem às cidades, acabam por revelar uma série de acontecimentos que marcam sua própria existência.

Foram no interior das cidades que se processaram grandes transformações, algumas de forma muito rápida para as sociedades e épocas nas quais estavam inseridas. Karl Marx, ao situar a discussão sobre cidade em seu pensamento, a fim de melhor compreendê-la, define sua importância, seus limites através da compreensão da divisão do trabalho. Sendo assim, este é um exemplo de um pensador que

elegeu uma categoria para analisar o papel das cidades e sua própria produção <sup>1</sup>.

Este trabalho pretende, dessa maneira, fazer algumas considerações a respeito de como a cidade muda suas características, utilizando-se para isso reflexões a respeito de seu surgimento, suas funções, entre outras características que demonstraram ao longo dos tempos, e que acabaram por delinear o modelo o qual vivenciamos atualmente.

### **Dos cemitérios, das cavernas aos aglomerados: Primeiras representações do que hoje conhecemos como cidades**

Parece estranho imaginar que um cemitério, não como o conhecemos hoje, é por muitos considerado o lugar ou fato, que deu origem às

<sup>1</sup> O processo de construção do conceito de produção é amplo na obra marxista, sendo assim, não há análise materialista da história, sem análise do papel da produção do desenvolvimento das forças produtivas e relações de produção.

primeiras formas de moradias fixas. Ainda pode parecer mais estranho compreender que este local fixo de residência não era ocupado por vivos e sim por mortos <sup>2</sup>.

Dentro desta linha de pensamento, há de se constatar que no Período Paleolítico o homem buscava, de certa maneira, locais fixos para usar como abrigo. A caverna é um exemplo, onde se podia encontrar, entre outras coisas, segurança.

O lugar, tanto no caso do “cemitério”, quanto no caso da “caverna”, era expressão de realizações de cerimônias e de outras atividades importantes no contexto destes grupos humanos.

Dando continuidade ao processo de evolução do que hoje se entende por cidade, encontra-se o período seguinte, o Mesolítico <sup>3</sup>.

*“É nele que se encontra uma primeira condição necessária para o aparecimento das cidades, ou seja, a existência de um melhor suprimento de alimentos através da domesticação dos animais, e da prática de reproduzirem os vegetais comestíveis por meio de mudas”. Sposito (1994, p.12)*

Entretanto, as rápidas mudanças observadas no contexto atual de algumas cidades, não foram tão rápidas neste período histórico, ou seja, as mudanças levaram um período maior para

acontecerem e para se estabelecerem. O próprio homem teve que passar por um processo de mudanças antes de engendrar transformações no meio o qual se inseria.

Os primeiros aldeamentos se consolidaram, de fato, no Período Neolítico, quando se proporcionou melhores condições de sobrevivência ao homem. Este passou a ter outras visões a respeito de processos como o de fecundidade, de alimentação e, mesmo, o de proteção.

Deste período em diante, nota-se que na aldeia passa a se realizar as condições para a origem da cidade, chegando, muitas vezes, a se considerar o número e o tamanho dos aglomerados para se distinguir a aldeia da cidade.

Dados históricos demonstram a importância da produção do excedente alimentar como primeira condição a permitir o aparecimento de população separada de áreas produtivas, ainda que esta produção não tivesse, inicialmente, um caráter econômico <sup>4</sup>.

Neste momento de presença de aglomerados, o exercício das tarefas de significado valor e a justaposição social, em consonância com as formas de percepção do mundo dos grupos, são extremamente importantes. Como os aglomerados guardavam pequenas dimensões

<sup>2</sup> Munford apud Sposito (1994: p.12), chama atenção para este aspecto, ao dizer que “...os mortos foram os primeiros a ter uma moradia permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo”.

<sup>3</sup> Período que ocorreu há cerca de 15 mil anos.

<sup>4</sup> As condições da produção de excedente, como fato que permitiu o aparecimento de população separada de áreas produtivas, pode ser melhor compreendida

e pouca população, não havia diferenciações sociais e níveis de interdependência econômica entre as famílias. Segundo Durkheim (1965), o adensamento populacional foi criando novas diferenciações.

Mais tarde passa a ser importante e necessário desenvolver a comunicação e a interdependência entre estes grupos, o que deu origem à divisão do trabalho, que acabou sendo entendida por muitos como uma solidariedade orgânica.

### **O papel dos aglomerados no processo de formação das primeiras cidades**

Os aglomerados foram o tipo de organização social que mais se aproximaram das primeiras cidades, entretanto, somente a partir de algumas condições pode-se compreendê-los separadamente das áreas de produção, e isto aconteceu quando a acumulação permitiu a garantia de subsistência às categorias sociais administrativas e às voltadas à segurança.

As condições mencionadas são as seguintes:<sup>5</sup>

- Evolução dos processos de produção na agricultura e no pastoreio;
- Adensamento populacional;
- Separação espacial entre agricultura e pastoreio;

---

com a leitura de Henri Lefebvre em seu livro *“O pensamento marxista e a cidade”* de 1972.

<sup>5</sup>Estas condições aqui apresentadas foram retiradas de forma resumida dos seguintes livros de Henri Lefebvre: *O pensamento marxista e a cidade* (1972) ou *A cidade do capital* (1999); *O direito a cidade* (1991); e também do livro de Jaques Le Goff: *Por amor às cidades* (1998).

- Divisão da produção social: o agricultor e o pastor;
- Inovações que proporcionaram o desenvolvimento do artesanato.

Essas prerrogativas levaram à diferenciação entre as tarefas econômicas, de um lado, e as ideologias administrativas e de segurança, de outro.

Pode-se levar em consideração então, o papel do simbólico na escolha de localização de um aglomerado. Assim, os sítios escolhidos para as primeiras aglomerações permanentes não resultavam apenas de características naturais, mas também o fato de os lugares serem revelados, no sentido de serem sagrados.

Singer (1981, p.13), afirma que

*“a formalização da existência da cidade, foi se dando na medida em que as relações entre os cidadãos e produtores do campo, foram sendo institucionalizadas, de forma a assegurar a transferência do mais produto à cidade”.*

As condições naturais acabavam de certa maneira influenciando, pois elas eram um dos maiores empecilhos para a inserção de novas técnicas. As técnicas vieram, mais tarde, proporcionar um excedente produtivo e um maior crescimento e desenvolvimento das populações aglomeradas, ocupadas com tarefas não produtivas.

*“Nos aglomerados foi criada uma relação de dominação entre aldeões e caçador-chefe e o político-rei, o que veio a resultar*

*em uma relação de exploração. Esta relação porém era apenas o início do processo de constituição da sociedade de classes”. Sposito (1994, p.16)*

Portanto, o que caracterizou o aglomerado permitindo que este possa vir a ser entendido como cidade, foi o fato da existência de uma primitiva divisão social do trabalho a partir das comunidades agrícolas.

### **As cidades na Antigüidade e na Idade Média**

Neste item serão apresentadas algumas características das cidades a partir de dois momentos históricos, a Antigüidade e a Idade Média, ou seja, o que as diferenciou em termos de organização ao longo dos tempos.

#### **Na Antigüidade**

Neste período histórico, a localização de determinada cidade estava intimamente ligada às condições naturais. Os agrupamentos que se localizavam ao longo dos rios, ou em áreas semi desérticas, por exemplo, tiveram que desenvolver técnicas que lhes proporcionasse meios de controlar as cheias, realizar práticas de irrigação, o que se observou nos agrupamentos ribeirinhos dos Rio Amarelo <sup>6</sup>, Tigre e Eufrates <sup>7</sup>.

Em locais montanhosos, a agricultura não era tão desenvolvida. Quando estavam próximas ao mar, no entanto, eram constantes a presença

de técnicas que lhes possibilitavam a construção de embarcações e o desenvolvimento por exemplo de técnicas para a pesca. Este avanço em relação ao desenvolvimento das embarcações, proporcionou também o comércio mais intenso entre esses agrupamentos e com outras áreas próximas, como, por exemplo, os egípcios e os fenícios.

As civilizações do Egito tiveram um processo de urbanização menos aparente do que as da Mesopotâmia <sup>8</sup>, pois para controlarem as cheias dos Rios Tigres e Eufrates, necessitava-se desenvolver trabalhos mais complexos e esforços coletivos mais organizados do que os egípcios. Além disso, para a realização destas tarefas era necessário um poder centralizado, coordenador destas atividades, o que fez com que houvesse uma maior especialização das atividades.

Singer (1981, p.18), afirma que “*o convívio urbano reunia uma massa de consumo capaz de impulsionar a divisão interna do trabalho, repercutindo no desenvolvimento das forças produtivas*”. É o que pode ser notado na coletivização do trabalho dos povos mesopotâmios.

Na Antigüidade, a Mesopotâmia foi o centro de difusão do fato urbano, incluindo aí suas áreas de conquista. Entretanto, a organização da rede urbana ainda repousava em uma

<sup>6</sup> 1.550 a.C.

<sup>7</sup> 3.500 a.C., região da Mesopotâmia.

<sup>8</sup> A Mesopotâmia atualmente está localizada na região do Iraque.

divisão social do trabalho, na expropriação do excedente produtivo pelas várias cidades, destinadas à população administrativa, militar e religiosa.

Vários são os exemplos de povos e nações que serviriam de exemplos, como o caso do Império Romano, mas o objetivo do trabalho são as características que marcaram a organização social e a urbanização durante a Antigüidade.

Nela, as cidades possuíam algumas características que devem aqui ser destacadas, a fim de se compreender o porquê seriam superadas pelas cidades da Idade Média.

Neste período, prevalecia a cidade com função política, aquela que organizava, dominava, protegia, administrava, explorava um território com seus camponeses, aldeões, pastores, etc. Segundo Lefebvre (1972, p.41), *em alguns casos como em Atenas e Roma, a cidade política conseguiu dominar tanto pela guerra, como também pelas trocas (troca pura e comércio), territórios incomparavelmente mais vastos do que os seus arredores imediatos*. Outra característica deste período era que a de na cidade, o único conflito de importância era o que opunha escravos e cidadãos, por ser esta a única relação de classes.

As características que, de fato, levaram as cidades deste período a se estagnarem foram as seguintes:

- A escravatura que limitava seu crescimento;
- A não ocorrência de outras lutas de classes (escravos X possuidores)

Desta maneira a sociedade na Antigüidade foi se apagando lentamente sem produzir outro modo de produção, outra sociedade. Possuía um sistema extremamente fechado, que acabou por deteriorar seu próprio modo de produção.

Bem, ao se pensar no que se transformou a cidade da Antigüidade, é preciso salientar, que no que se refere ao seu aspecto construído, o lugar que era destinado aos mortos, mudou, assim como aquele que era destinado aos vivos, havendo uma inversão de lugares.

“Ao contrário da significação que possuía a localização dos mortos nas primeiras manifestações de cidade, gregos e romanos na antigüidade impeliam o morto impuro para fora da cidade, especialmente as pessoas ricas ou importantes, ou seja, os cemitérios agora estão localizados nas vias que partiam da cidade”. Le Goff (1998, p.11)

Embora, segundo Sposito (1994), muitos avanços tenham sido conseguidos em relação à complexidade de uma organização social e também ao nível da urbanização, como por exemplo, o progresso nas escritas, as características das cidades na Antigüidade, por si só e acondicionadas no sistema que estavam inseridas, acabaram por levá-las a decadência.

Segundo alguns autores, <sup>9</sup> chegou a acontecer à gestão de capitais sem capitalismo e o trabalho sem a presença de proletariado.

### **Na Idade Média** <sup>10</sup>

Com a queda do Império Romano <sup>11</sup> é que se inicia o período denominado Idade Média. Com isso, muitas características vieram à tona, pois com o esfacelamento do poder central de Roma, houve uma desarticulação da rede urbana construída na Antigüidade.

Aliás, a cidade na Idade Média é muito diferente daquela que se caracterizou na Antigüidade. A sociedade era extremamente concentrada em pequenos espaços e em lugares de produção e de trocas em que se misturavam o artesanato e o comércio, todos alimentados por uma economia monetária.

No seio da Idade Média algumas relações vão se inverter, ou seja, são diferentes do que aconteceria na Antigüidade. O senhor apoiava-se nos campos; dominava um território reduzido e desejava expandi-lo. No que se refere à propriedade feudal, a cidade sai de um processo duplo: a decomposição do Império Romano (que não obstante deixa atrás de si terras cultivadas e vastos espaços já unidos por laços comerciais e políticos) e a chegada dos bárbaros que restabelecem uma comunidade, a dos camponeses.

O sistema militar e fundiário são expressões de importância neste momento, há também uma acumulação primitiva (riquezas, técnicas, mão-de-obra, mercados, lugares etc.).

Na Europa da Idade Média, as cidades que até então eram subordinadas à estrutura feudal, conquista, domina e simultaneamente destrói esta estrutura vigente e a relação campo-cidade começa a se tornar mais conflituosa.

Neste sistema urbano aberto, as cidades da Idade Média também passam a gerar algo diferente no que se refere ao setor econômico que gerará a indústria; no setor social, com o aparecimento da propriedade de bens móveis; e no setor político com o surgimento do Estado.

Lefebvre (1972, p.44), afirma que “*os resultados históricos da primeira grande luta de classes e das formas sociais na Europa são as seguintes: cidade contra campo; burguesia contra feudalismo; propriedade de bens móveis/propriedade privada contra propriedade fundiária/comunitária*”.

Segundo Le Goff (1988) neste sentido, seriam as cidades da Idade Média muito mais parecidas com as cidades Modernas, de que as primeiras com as cidades da Antigüidade. Sendo assim tão eminentes suas características, foi no seu interior que começaram a acontecer certas desagregações que permitiram o aparecimento de relações tão intrínsecas, que culminaram no desenvolvimento e organização

<sup>9</sup> Henri Lefebvre, Jaques Le Goff

<sup>10</sup> Período que se estende do século V ao XV.

<sup>11</sup> A queda do Império Romano se deu por volta do século V (ano 476).

de um sistema dominante que se reestruturou a partir das ingerências que foram surgindo a cada momento, com capitalismo.

### **Mas o que é a cidade no confuso presente?**

Após esta breve retrospectiva a respeito do que representou a cidade nos períodos medieval e antigo, bem como ela se estruturou a partir dos aglomerados, é importante compreender como suas funções se desenvolveram nos períodos seguintes, modernidade e contemporaneidade.

As funções da cidade estão a cada momento assumindo outros rumos.

*“A cidade é fruto da divisão social do trabalho sobretudo a partir das comunidades agrárias. Sua origem pode se dizer assim é ao mesmo tempo a origem de um suposto Estado, das classes sociais, da civilização, da separação do trabalho braçal-trabalho intelectual etc.” Mamigonian (1996, p.205)*

Pode ser observado que a origem da cidade vincula-se à existência de uma ou mais funções urbanas, que podem ser industrial, comercial, cultural, entre outras. Ela nasce de uma necessidade humana que deseja organizar determinados espaços para se integrar, segundo Carlos (1992). Muitos são os autores que vem acompanhando o desenvolvimento da cidade como forma e como conceito.

Von Richtofen *apud* Carlos 1992, define cidade “*como um agrupamento cujos meios de existência normais consistem na concentração*

*de formas de trabalho que não são à consagradas cultura, mas ao comércio e à indústria.”*

Já para Sombart *apud* Carlos 1992, a cidade se define “*como uma aglomeração de homens dependendo dos produtos do trabalho exterior*”.

Estas definições estão voltadas a uma cidade que possui apenas sentidos funcionais, o que, para alguns outros autores não é correto, já que a mesma assume e se liga também a vários outros aspectos, como os políticos e os econômicos. Entre estes autores cabe aqui citar Pierre George, que afirma que as cidades fazem parte de um conjunto e as formas das relações entre elas e dos diversos setores do conjunto seriam particulares a cada tipo de estrutura econômica e social.

Para melhor se compreender a cidade, deve ser analisado suas transformações a partir de algo maior que ela mesma, ou seja, devem ser levadas em consideração, no seu estudo, as transformações e as relações da própria sociedade que nela se insere.

Pode se perceber que a cidade continua a ser uma incógnita de difícil solução. Ela, com certeza, é um produto das relações humanas, transforma-se quando a sociedade se transforma, pode ser percebida de várias formas, de vários ângulos. Seria ela a vitrine de um shopping, a paisagem vista da janela de um prédio?

O presente também permite confundir e não entender a cidade e seus papéis, daí o fato dela ser tudo e nada ao mesmo tempo. Atualmente as cidades passam por sérias dificuldades, mas mesmo assim têm papel de grande importância como o locus de grandes transformações.

O conceito de produção apresenta um duplo sentido e uma dupla determinação, a historicidade e a práxis<sup>12</sup>. Ao se afirmar isto, percebe-se que a duplicidade também é encontrada na cidade, que é a própria expressão da produção, ressaltando-se que no sentido mais amplo, seria a obra que se materializa para permitir a produção, e no sentido restrito, locus para a produção de bens e serviços.

A cidade se relaciona com a produção em seu sentido amplo no próprio processo de urbanização e em seu sentido restrito com ela mesma. As cidades atuais, olhando pelo prisma da produção, são o meio propício para ocorrer a circulação e o consumo (individual e coletivo).

Sua produção territorial também deve ser mais bem compreendida, ou seja, a ampliação de sua base territorial, seu desdobramento,

<sup>12</sup> Estes dois conceitos segundo Lefebvre (1991) não devem ser entendidos de forma separada já que a práxis apoia a historicidade, e designa a sua base material. O primeiro atua em um sentido mais amplo, ou seja na produção de obras, idéias, espiritualidade, ou seja, tudo que faz uma sociedade e uma civilização. Já o segundo atua de forma mais restrita, ou seja, na produção de bens, de alimentos, de vestuário, de habitações, de coisas etc. (Idéias extraídas da disciplina: Urbanização e produção da cidade da FCT/UNESP do ano de 2000)

multiplicação através da verticalização, pois estes darão suporte para sua própria reprodução<sup>13</sup>.

### Considerações Finais

A finalidade deste trabalho foi a de percorrer as origens da cidade, ou seja, as etapas pela qual a mesma passou até chegar aos nossos dias. É evidente que muito mais poderia ter sido dito, mas a tarefa não é tão fácil assim, pois, como ao longo do texto foi sendo exposto, conceituar a cidade, definir e entender suas funções requer muito estudo.

A cidade continua com seus mistérios, suas idas e vindas. Encontra-se, a partir de alguns autores leituras que defendem as mais variadas origens da cidade, assim, uns consideram a cultura, e ainda têm aqueles que afirmam que foi com o advento do comércio que ela surgiu.

Têm-se, então, os acontecimentos que impulsionaram e modificaram as cidades, nos vários períodos históricos, como da época feudal, da Antigüidade, bem como dos contemporâneos. Não se pode deixar de lado a importância das cruzadas e a grande pujança do comércio e da indústria. A cidade sempre foi analisada tomando-se como referência fatos ocorridos apenas em seu exterior, e por isto suas análises ficavam apenas na aparência.

<sup>13</sup> A reprodução da cidade, e, portanto, dos papéis que desempenha na divisão territorial do trabalho, exige a ampliação de suas bases territoriais.

A cidade atual concentra em seu interior uma gama de possibilidades, é nela que estão capitais, mão-de-obra, é nela que se concentram os meios de produção, a própria produção e a população com seus bens de consumo coletivos ou privados. E é por concentrar tal grau de possibilidades, funções e complexidades que, em alguns casos, é chamada de metrópole.

Mas algo deve ser aqui esboçado. Muitos estão procurando mudar a cidade: como a fazer, quando começar e por onde? Quem sabe seja mudando o próprio homem e suas relações.

Assim, a cidade só será transformada através do trabalho humano que também muda a própria vida, ou seja, a cidade pode passar por um processo de metamorfose, quando as próprias relações entre os homens também mudarem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURLEGAT, Cleonice Alexandre Le. Divisão social de trabalho, percepção de mundo e a origem da urbanização. **Formação**. Presidente Prudente. n.3-4, p. 5-29. 1997.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993. (do original em francês, 1972)

DURKHEIM, Emile. **El suicidio**. Buenos Ayres: Editorial Shapive, 1965.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.

LEFEBVRE, Henri. A cidade e a divisão do trabalho. In: **O pensamento marxista e a cidade**. Lisboa: Ulisseia, 1972, p. 29-76.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1999, p. 15-32.

LE GOFF, Jaques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1988.

MAMIGONIAN, Armen. Notas sobre a geografia urbana brasileira. In: **Novos rumos da geografia brasileira**. (org.) Milton Santos. São Paulo: Hucitec, 1996.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 1988.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SPOSITO, M<sup>a</sup>. Encarnação Beltrão.  
**Capitalismo e urbanização.** 5 ed. São Paulo:  
Contexto, 1994.